

PARÓQUIA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DE TEÓFILO OTONI: 150 ANOS

Jornal AFATO, Belo Horizonte, junho de 2007, ps. 04 e 05

JOSÉ CARLOS PIMENTA

Doutor em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFGM. Professor Titular de Direito Constitucional da Faculdade de Direito Padre Arnaldo Janssen da Sociedade do Verbo Divino-SVD. Subprocurador-geral da República aposentado. Membro titular da Academia de Letras de Teófilo Otoni-ALTO. Membro titular da Academia Mineira de Letras Jurídicas-AMLJ. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri-IHGM.

Noticiou o *Jornal AFATO* na edição do mês de abril que transcorre no mês de julho o sesquicentenário de criação da Paróquia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Teófilo Otoni. Com eventos comemorativos, segundo o programa referido na matéria publicada, em meio a uma campanha que desde o ano de 2006 é realizada para a obtenção de recursos necessários ao custeio da reforma, ainda em curso (pintura, iluminação, ventilação, etc), da antiga Igreja Matriz, hoje Catedral Diocesana.

Assim, é oportuna a lembrança de alguns dados sobre a paróquia e de fatos marcantes em torno da construção e na longa existência do belo templo.

Sancionada pelo vice-presidente, no exercício da presidência, da Província de Minas Gerais, Joaquim Delfino Ribeiro da Luz, a Lei Provincial n. 808, de 03 de julho de 1857 elevou “...a *Districto de Paz e à cathegoria de Parochia a Povoação de Philadelphia...*”

Recorde-se que a religião católica era a religião do Império, segundo o art. 5º. da Carta Política Imperial do Brasil, de 25 de março de 1824.

O primeiro vigário nomeado em 1858, mas não empossado, teria sido o padre Cassiano Coriolano dos Santos, que exercia o ministério sacerdotal em terras baianas. Referências há também de que o primeiro vigário fora o padre Luiz Binagui, conhecido, todavia, como capelão da Colônia do Urucu (Carlos Chagas). Foi quem celebrou o primeiro batizado na paróquia, em 24 de abril de 1859.

Sacerdotes visitantes por ela passaram, como o padre Benedito Esteves Lima.

De 1860 a 1864 figura como primeiro vigário o padre Joaquim dos Santos Coimbra. A partir de 1865 certeza há quanto aos nomes dos vigários ou párocos, padres seculares ou frades integrantes de ordens religiosas, e aos períodos de suas respectivas provisões canônicas, a saber: padre Maximiano Ferreira Coelho (1865-1867), padre Servano Luiz Ferreira Coelho (1867-1872), padre José Bonifácio Azevedo Britter (1872-1873), padre João Celestino da Motta (1874-1877), padre Benedito Esteves Lima (1877-1879), frei Serafim de Gorizia e frei Ângelo de Sassoferrato, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos-OFM Cap. (1879-1881), padre Marcos Antônio de Araújo (1882-

1886), padre Virgolino José Batista Nogueira (1886-1899), padre Aristóteles Tancredo Dantas de Carvalho (junho a setembro de 1899), monsenhor João Antônio Pimenta (novembro de 1899 a abril de 1906), os franciscanos frei Gonzaga Gouverneur (1906-1917), frei Hilário Verhey (1917-1924), frei Querubim Breumelhof (1924-1926), frei Flaviano Van Liempt (1926-1931), frei Luiz Geldens (1931-1934), frei Feliciano Smitz (1934-1936), frei Hilário Verhey (1936-1942), frei Rodrigo (1942-1943), frei Rogato Hoogma (1943-1944), frei Antelmo (Antônio Johannes Vilhelmus Kropmann) (1944-1962), frei Izidro Botega (1962-1965), frei Osvaldo Kooz (1965), frei Constantino Von (1966), todos da Ordem dos Frades Menores-OFM, padre Celestino Grillo (1967-1974), padre Agostinho Garabello (1974-1978), padre Piero Tibaldi (1978-1985), padre Joel Ferreira da Silva (1986-2004) e padre José Carlos de Matos Silva, a partir de 2004.

Uma primeira igreja fora construída em 1858 pela Companhia de Comércio e Navegação do Rio Mucury.

Em 26 de agosto de 1895 o padre Virgolino José Batista Nogueira obteve o alvará de licença para a construção da Igreja Matriz, cujas obras foram iniciadas em 1º de novembro de 1896, com o lançamento da pedra fundamental por frei Serafim de Gorízia, OFM Cap. Uma sala foi, então alugada, de propriedade de Raimundo Neves, para servir, provisoriamente, às celebrações, até que em agosto de 1902 o monsenhor João Antônio Pimenta transferiu a igreja, provisoriamente, para um salão existente na praça Tiradentes, próximo à atual rua frei Gonzaga, local em que funcionou até 31 de julho de 1911.

Em 21 de junho de 1899 faleceu o padre Virgolino - que também foi vereador e presidente da 1ª. Câmara Municipal de Teófilo Otoni, na República -, em Ponta de Areia-BA.

Seu sucessor, o monsenhor João Antônio Pimenta, que era natural de Capelinha-MG, tomou posse como vigário em 26 de novembro de 1899, já com o título de monsenhor, que lhe foi concedido pelo papa Leão XIII. E resolveu executar outro projeto para a Igreja Matriz, porque não lhe agradara o estilo do templo em construção, que considerou, também, muito acanhado. Demolido o que já havia sido construído na gestão do padre Virgolino, as obras da nova igreja foram efetivamente iniciadas e adiantadas pelo monsenhor Pimenta, até que em 20 de maio de 1906 foi ele sagrado bispo, nomeado pelo papa Pio X (último papa canonizado, em 1954), como coadjutor (com direito à sucessão) da diocese do Rio Grande do Sul (depois arquidiocese de Porto Alegre). Em 1911 Dom João Antônio Pimenta foi transferido, a pedido, para Montes Claros-MG, como 1º. bispo diocesano.

A partir de 03 de abril de 1906 os frades franciscanos (Província de Santa Cruz) assumiram a paróquia. Em sua casa, à rua Dr João Antônio, existiu a Capela São Francisco, onde muitos batizados, casamentos e crismas foram realizados, mesmo após a conclusão da matriz (cuja construção esteve paralisada durante alguns anos) e nela iniciadas as celebrações litúrgicas em 31 de julho de

1911, por frei Júlio Berten, OFM. Mas a sagração da matriz só ocorreu em 20 de agosto de 1912, por Dom Joaquim Silvério de Souza, 1º. bispo e 1º. arcebispo de Diamantina-MG, cerimônia em que foram depositadas na igreja as relíquias de São Bonifácio e de São Gaudêncio. Foi editado o primeiro número do jornal católico *A Família*, cuja direção e redação estiveram a cargo, durante muitos anos, de frei Luiz Geldens, OFM.

Em 1921 foi admitido o 1º. sacristão: João Gabriel da Costa (*Seu Nô*).

Em 1933 são erigidos os três altares e o púlpito, em madeira-de-lei. No altar-mor, em sua lateral, lê-se que foi “*executado na officina de Otto C. Roedel*”.

De 1938 a 1939 a matriz esteve em reforma, sob o comando de Henrique Rievers, conforme placa alusiva que está no frontispício da igreja.

Em 1956, na celebração do cinquentenário da chegada dos frades franciscanos a Teófilo Otoni, a matriz ganhou uma mesa em mármore, para a ministração da comunhão.

Em junho/julho de 1957 celebrou-se intensamente o centenário da paróquia, com eventos que até hoje são muito lembrados, com a realização do Congresso Eucarístico (as sessões eram realizadas na “praça do Congresso”, situada além da “estação”, imediações do local onde funcionariam dependências do extinto DNER), que teve a presença, entre outros, do cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, arcebispo de São Paulo-SP, de Dom José Newton de Almeida Batista, arcebispo de Diamantina-MG, e do monge Dom Estêvão Bettencourt, da Ordem de São Bento-OSB. Dom José Maria Pires, exímio pregador, eloqüente e cativante, já havia sido nomeado bispo diocesano de Araçuaí, pelo papa Pio XII. Mas somente foi sagrado em 22 de setembro, tendo tomado posse em 12 de outubro daquele ano. Coube a ele, bispo de Araçuaí, encerrar as comemorações do ano do centenário, no dia 08 de dezembro, dia da Imaculada Conceição - cujo dogma foi proclamado em 1854 pelo papa Pio IX - padroeira da paróquia. O Hino Oficial do Centenário tem música de Durval Campos e letra do cônego José Sebastião Moreira, à época pároco de Conselheiro Lafaiete:

*“Centenário de fé em Maria,
Proclamando a feliz Conceição,
Teófilo Otoni com justa ufania,
Rende um preito de amor, devoção”*

Com a criação da diocese de Teófilo Otoni (desmembrada da diocese de Araçuaí), pela bula *Sicut Virentes*, de 27 de novembro de 1960, do papa João XXIII, a Igreja Matriz foi elevada a Catedral Diocesana.

Em 1962 teve início o Concílio Ecumênico Vaticano II, convocado e inaugurado pelo papa João XXIII e encerrado em 1965 pelo papa Paulo VI. No espírito do saudável e oportuno *aggiornamento* emanado do pontificado de João

XXIII promoveu-se a reforma da liturgia. E com ela a celebração da eucaristia no vernáculo, em cada País - não mais em latim, segundo o rito do Concílio de Trento e do missal do papa Pio V - , com o celebrante voltado para a assembleia dos fiéis.

Daí que na catedral um outro altar para a celebração das missas tenha sido disposto na própria nave central.

A partir de 1967 o interior da catedral foi alvo de modificações. Sem embargo de que um grande e expressivo crucifixo tenha sido incorporado ao acervo do templo, os altares foram deslocados, inclusive o altar-mor. Houve a retirada do púlpito e de imagens de santos e a substituição dos bancos que acompanhavam a linha dos altares e do púlpito.

Ao lado foi construída a Casa da Juventude. Constituiu-se o Coral Paulo VI, em 1967.

Até que em 1988, em meio a uma ampla reforma, felizmente procurou-se restaurar a originalidade da igreja. Os altares voltaram aos seus lugares, com algumas adaptações, como, por exemplo, o destaque da mesa de pedra do altar-mor, com o belo quadro da santa ceia, para a celebração das missas. O púlpito foi reconstituído e recolocado em seu lugar. Imagens de santos (com destaque para a de São Francisco), de anjos, de outros quadros, restaurados e pintados pelas mãos de Magda Graça Soares, e recolocados. Nova pintura do interior e da parte externa, mantida a originalidade do teto, cujos desenhos e cores são atribuídos à orientação de irmã Maria Lambertina, da Congregação das Irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas de Oirschot, que foi professora de Desenho e Pintura na extinta Escola Normal e Ginásio São Francisco, de Teófilo Otoni. Novo piso, em granito, novos lustres (não se conseguiu restaurar os antigos) e a construção da cripta. Incorporado ainda ao acervo artístico foram os belos quadros pintados pelo padre Lásaro Aparecido Diogo, à época radicado em Teófilo Otoni, para as paredes frontais, ao alto, das capelas onde ficam os altares laterais, tendo como tema a Vigem Maria (a anunciação do anjo Gabriel e a visita de Maria a Isabel). Na parede, ao fundo, da capela do altar-mor, o quadro evocativo da assunção de Nossa Senhora ao céu, ladeado este último por dois outros quadros, com anjos. Também foram construídos o Centro Paroquial Cura D'Arce e um estacionamento para automóveis.

Em 1997 nova reforma, com observância das linhas seguidas na reforma de 1988.

Muitos dos dados e fatos até aqui rememorados foram complementados aos constantes de texto que tem o título *140 anos de Paróquia e de Serviço*, editado em 1997 sob a coordenação de padre Joel Ferreira da Silva, segundo os registros dos arquivos da paróquia.

Sem a pretensão de efetuar uma descrição técnica e minuciosa, tarefa para arquiteto, *expert* em patrimônio histórico e especialista em História da Arte, ao que parece a Igreja Matriz foi projetada e executada ao estilo *românico*, destacando-se, em seu interior, os arcos plenos. Mas com elementos da

arquitetura grega, as elegantes colunas *jônicas*, com base e capitéis, que ladeiam os arcos. E duas delas em pedra, logo no início da nave central, defronte ao coro, atribuídas a Mattioli. A representarem os pilares fundamentais da Igreja, Pedro e Paulo, na observação do padre Luciano Campos Lavall.

Ressaltem-se, no acervo da catedral, os crucifixos, as imagens de Nossa Senhora, o quadro da santa ceia, a mesa para a comunhão (na liturgia antiga) e a pia batismal.

No adro, a escultura de Cristo Rei, a acolher os fiéis com a legenda: *Eu sou rei e quero reinar em vossos corações.*

Em uma antiga fotografia vêem-se no adro e laterais de oito a dez palmeiras imperiais, das quais restaram apenas duas.

Entre tantas entidades, irmandades e movimentos que atuaram na paróquia, a Conferência de São Vicente de Paulo, a Confraria do Sagrado Coração de Jesus, a Ordem Terceira Franciscana, a Pia União das Filhas de Maria, a Legião de Maria, a Liga Eleitoral Católica, a Liga Católica Jesus Maria José, a Pia União do Culto Perpétuo a São José, a Pia União de Santo Antônio e os cursilhos de cristandade, estes já no final da década de 60 e nos anos 70.

Em 1936 o então núncio apostólico no Brasil, Dom Benedetto Aloisi Masella (depois cardeal) visitou a cidade e esteve na matriz.

Em 04 de junho de 1961 a cerimônia em que Dom Quirino Adolfo Alwin Schmitz, OFM, tomou posse como 1º. bispo diocesano de Teófilo Otoni. E em 05 de junho sua 1ª. missa pontifical. Em 25 de julho de 1963 presidiu ele a sagração episcopal de Dom Filipe Tiago Broers, OFM, então vigário da paróquia de Nossa Senhora de Fátima, de Teófilo Otoni, como 1º. bispo diocesano de Caravelas-BA. Ambos nomeados pelo papa João XXIII.

Uma outra cerimônia marcante, em 10 de março de 1984, foi a sagração episcopal, pelo cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, OFM, de Dom Fernando Antônio Figueiredo, OFM, nomeado pelo papa João Paulo II bispo auxiliar da diocese de Teófilo Otoni, depois coadjutor e bispo diocesano.

Da memória despontam, ainda, as visitas de dois outros núncios apostólicos no Brasil: Dom Sebastiano Baggio (depois cardeal), nos anos 60, e Dom Carlo Furno (depois cardeal), ao término da reforma da catedral, de 1988.

Nos anos 70 o cardeal Dom Aloísio Lorscheider, OFM, à época arcebispo de Fortaleza-CE, esteve na catedral para uma palestra.

Em pesquisa mais recente encontrei um precioso exemplar de *O Mucury*, edição de 17 de novembro de 1901. O jornal foi fundado por Juscelino Barbosa (também co-fundador, muitos anos depois, de o *Estado de Minas*) que à época era também seu redator-chefe. E foi um dos marcos na história da imprensa em Teófilo Otoni e no nordeste mineiro. À página 3 está publicada a nota a seguir transcrita, respeitada a grafia utilizada no limiar do século XX:

“Nos termos de seu Manifesto publicado no último número desta folha, o revmo. Monsenhor Pimenta e seu digno coadjutor estão em

plena actividade angariando donativos e recursos para as obras da nova Matriz. Têm, como era natural esperar-se, encontrado a melhor vontade da parte de todos.

Na secção respectiva publicamos hoje os nomes das exmas. Senhoras encarregadas de obter esmolos; e opportunamente daremos publicidade à grande subscrição já iniciada”.

Na mesma página, sob o título *Nova Matriz*, e com o fecho, *Th. Ottoni, 11 de novembro de 1901 Monsenhor João Antônio Pimenta*, a histórica relação dos nomes daquelas abnegadas senhoras, acrescidos dos nomes dos maridos de algumas delas, ou de outra referência, para melhor identificação, elenco que aqui é transcrito pela ordem e *ad perpetuam rei memoriam*: Maria Amélia da Matta Machado Versiani (esposa de Pedro Versiani), Virgínia Amélia da Matta Machado Figueiredo (esposa de João Antônio Lopes de Figueiredo), Thomazia Pires Barbosa, Maria Ottoni Bley (esposa de João Bley Filho), Theodosia Ottoni Porto (esposa de Reynaldo da Silva Porto Primo), Edwiges Ottoni Pimenta (esposa de Antônio Jacinto Pimenta), Carlota Prates, Porcina de Carvalho, Mathilde de Carvalho Motta, Maria Fernandes Esteves Ottoni (esposa de Epaminondas Esteves Ottoni), Maria Ottoni Baratta (esposa de Próspero Punaro Baratta), Celina Campos Laender (esposa de João Alfredo Laender), Elisa Versiani Schroeder (esposa de Arthur Schroeder), Anna Brandão, Maria Rosa Ramos (esposa de José da Costa Ramos), Bernarda Barbosa Laender (esposa de Alberto Laender), Antonina Chaves de Sá (esposa de Carlos Sá Júnior), Georgina Ferreira Rausch, Mathilde Ottoni Schirmer, Aurora Ottoni Pacheco, Ambrosina Ottoni de Castro, Virgínia Ottoni Guedes (esposa de Martiniano Pereira Guedes), Mariana Ottoni Álvares (esposa de Turíbio José Álvares), Hermínia Vieira Ottoni, Rosa Ottoni de Almeida, Arminda Rausch, Amália Sá, Francisca Prates, Annita Masserano, Palmyra Soares da Costa Gazzinelli (esposa de José Gazzinelli), Sylvia Campos, Maria da Conceição Motta, Juscelina Celestina da Motta, Antonina Barbosa, Hermelinda Henriqueta Lopes Filha, Maria Porto, Maria Pereira da Silva, Laura Lopes, Orlinda da Costa, Maria Barbosa (uma irmã de Américo Barbosa, segundo a relação publicada), Francelina Castro Pires, Carolina Alves, Benvinda....(não foi possível ler o sobrenome), Francisca Lopes Bamberg (esposa de Gustavo Bamberg), Maria Judith de Araújo e Sousa, Júlia de Sousa Rocha, Theodolinda Pimenta de Carvalho (esposa de Hermelino Pires de Carvalho), Maria José Fernandes da Silva, Maria de Nasareth Caldeira Motta, Margarida Schroeder Haueisen (esposa de Júlio Alberto Haueisen), Maria Rita de Cássia Froes, Margarida Nicolson, Francelina Pacheco, Flávia Gomes da Silva, Maria Rosalina de Oliveira, Josephina de Oliveira Dias, Christina Barreiros (esposa de João Barreiros), Regina Ferreira de Oliveira, Maria Guedes (esposa de Alcides T. Guedes), Olympia Esteves Lima, Rita Maria Sausmikat, Anna Rolim (esposa de Justino Rolim), Anna Casaes Barbosa (esposa de Tertuliano Barbosa),

Venância Gomes da Silva, Isabel Borges, Redusina Ferreira de Figueiredo Leal, Maria Gomes de Sousa, Maria Benedicta Peregrina e Silva (Aymorés), Emília Mendes (esposa de Pedro Mendes, de Rio Preto), Joanna Vermeulen Sommerlatte (esposa de Otto Sommerlatte, da Colônia do Urucu), Antônia Vermeulen Krettli (esposa de João Krettli, da Colônia do Urucu), Elvira Freitas (esposa de Manoel Baiano, da Colônia do Urucu), Benvinda Esteves Sommerlatte, Francisca Velloso (filha de Pedro Velloso), Anna Bessa Couto, Augusta Lopes da Motta (esposa de Antônio Lopes da Silva, de Itambacuri), Rosalina Presciliana de Sousa Lage (Itambacuri), Olympia Lage Pereira (Itambacuri).

Aí estão representantes de famílias que contribuíram para a construção da Igreja Matriz.

Outras pessoas mereceriam, por certo, ser aqui lembradas, por seu trabalho, por sua dedicação, por sua colaboração, de alguma forma, na construção, zelo e sucessivas reformas do templo, o que traz a lume as epopeias de edificação das grandes catedrais medievais.

Marco imperecível da fé católica em Teófilo Otoni, presente cada vez mais a consciência de preservação dos valores do patrimônio histórico, artístico e cultural, que a Catedral de Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Teófilo Otoni seja submetida a necessário processo de tombamento e sempre conservada para a glória de Deus e de fraterno serviço.

NOTAS DO AUTOR:

1 - O padre Virgolino José Batista Nogueira também promoveu campanha visando angariar contribuições para a construção da matriz que iniciou, depois demolida. Entre os que fizeram doações para aquela obra destaca-se o padre João Antônio Pimenta, à época vigário em Piedade (Turmalina). Antes dele, de Capelinha, também no Vale do Jequitinhonha, já haviam contribuído para a edificação seu tio Camillo de Lellis Pimenta (sênior) e seus primos Manoel Pimenta de Figueiredo (sênior) e Antônio Pimenta de Figueiredo, como noticiou *Nova Philadelphia*, Teófilo Otoni, edições de 05 de dezembro de 1897, p. 4 e de 05 de julho de 1896, p. 4, respectivamente.

2 - O hino do sesquicentenário da paróquia foi composto (letra e música) pelo padre Luciano Lavall.

3 - Sobre a história da paróquia e a construção da igreja matriz ver Tetteroo, OFM, frei Samuel, O Município de Theophilo Ottoni – Notas históricas e chorográficas – Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1922, e ainda, Ferreira, Godofredo, Os Bandeirantes Modernos – Desbravamento e a colonização das matas do vale do rio Mucury, em Minas Gerais – s n, 1934.